

DOMINGOS MIGUEL nasceu em Silves em 18 de Fevereiro de 1884. Muito novo veio residir com seus pais para Almada. Aqui se se fez homem e desportista e aqui viria a ser sepultado.

Foi um filho adoptivo de que Almada e seu concelho muito se orgulham, um homem extraordinário sob todos os aspectos da sua longa vida. O seu nome, para os vindouros, poderá ficar como uma lenda, mas foi na realidade um facto.

Era filho de um operário corticeiro e seguiu a profissão de seu pai. Cedo aprendeu a defender os direitos dos seus irmãos e camaradas, consumindo a vida inteira na luta pela democracia e pela liberdade do homem. Lutou com estoicismo. Foi temido e respeitado. Durante meio século foi um símbolo de honra e valentia. Foi dirigente da Federação Corticeira e tesoureiro do Sindicato até 28 de Maio de 1926...

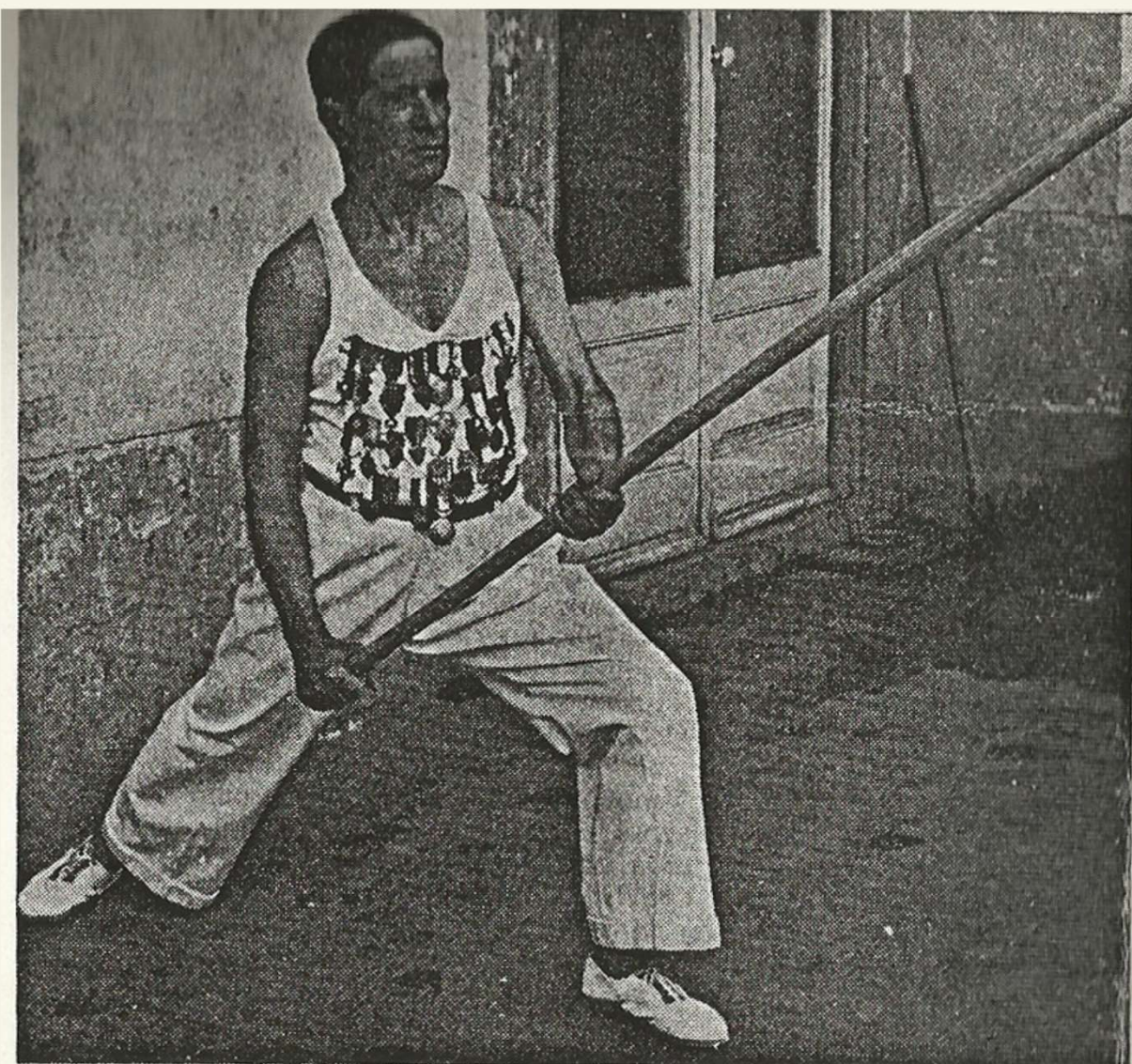
Tivemos enorme prazer em contactar muitas vezes com Domingos Miguel e temos sempre presente a sua figura de homem simples, de agradável trato, sóbrio, de uma correcção inexcedível e simpatia irradiante. Gostava imenso do convívio com os mais jovens, trocando impressões sobre os mais variados assuntos, transmitindo conselhos e opiniões sensatas. Era um prazer escutar Domingos Miguel.

O DESPORTISTA

Domingos Miguel foi um dos mais vigorosos desportistas portugueses de todos os tempos. Dedicou-se sobremaneira ao popular jogo-de-pau, apelido da esgrima portuguesa, onde atingiu craveira de excepcional relevo. Cremos que se tivesse enveredado por outra qualquer modalidade teria triunfado da mesma forma.

Em rapaz começou a praticar natação. Fazia ginástica e tomou o gosto de fazer saltos mortais como vira numa «troupe» de árabes. Mais tarde foi um assíduo praticante de cultura física, utilizando o «Meu Sistema» do dinamarquês V. Muller. Aos 19 anos começava a receber lições de jogo-de-pau pelo mestre Domingos Salreu, na Estrela, em Lisboa. Deslocava-se na companhia de Domingos Varejão, já há muito tempo discípulo de Salreu e que pouco depois passaria a ensinar Domingos Miguel, no Alfeite e na Margueira. Também foi seu mestre José Dias, o «95».

Consultando jornais e revistas da época vamos encontrar numerosas referências que lhe são feitas. Os grandes jogadores, mestres e professores, como o coronel Ressano Garcia, dr. João Moura Pinheiro, Tobias de Freitas, Artur dos Santos, Frederico Hopffer, José Gon-



Mestre Domingos Miguel

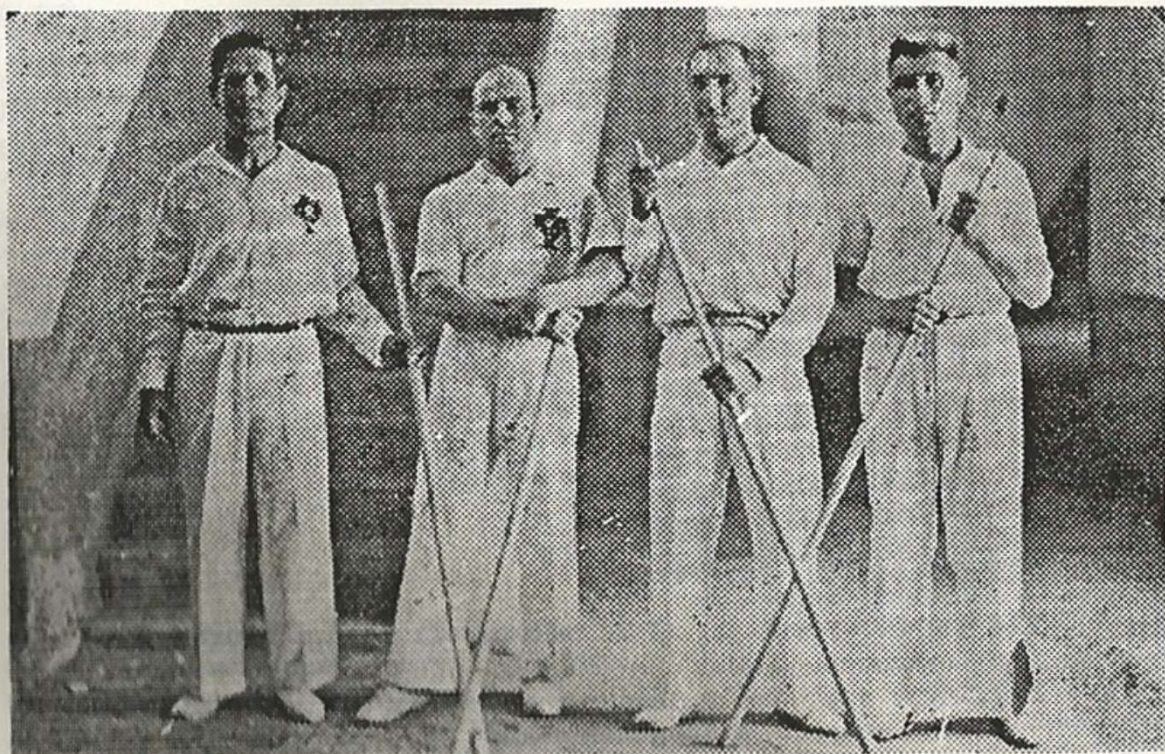
çalves Dias — o «95», Domingos Salreu, Domingos Alves, António Caçador, e tantos outros, são unânimes em afirmar a enorme classe de Domingos Miguel.

A revista «Stadium» insere em 1953, uma entrevista da qual respigamos estes apontamentos. Pergunta-lhe o jornalista: — Qual foi o seu mais terrível assalto? — «Foi — respondeu o mestre — com Domingos Alves, numa festa de beneficência. Contava então 25 anos. Nessa época possuía grande fôlego, compreende, era a idade a manifestar-se... Travámos uma batalha colossal, de rapidez fulminante e de pancadas rijas e certeiras, que fizeram erguer a assistência fortemente emocionada. Domingos Alves foi o mais terrível adversário que tenho encontrado! Que batalha! Parece-me que ainda ouço o estalar dos paus! Jogámos mais de 15 minutos uma luta que eu recordo com saudade. Por fim a assistência pôs termo ao combate. Como esse dia é recordado por mim!»

— Falemos, Domingos Miguel, daquele jogo em Almeirim com o António Caçador — pede o entrevistador.

«Sim, joguei outro assalto, que me deixou gratas recordações. Jogámos na praça de touros e ao jogo assistiu a gente mais importante da terra. Nós estávamos em boa forma. Não pode calcular o que foi o assalto. Qualquer coisa de formidável. Jogámos em rapidez e a ovação da assistência foi enorme. Nunca na nossa vida ouvimos uma salva de palmas tão estrondosa.»

Em 20 de Fevereiro de 1971, o «Jornal de Almada» publicava uma curiosa e valiosa entrevista feita por Romeu Correia, por altura do 87.º aniversário de Domingos Miguel, então internado no Lar-Granja



Domingos Miguel com os seus discípulos

Luís Rodrigues, em Costas de Cão. Dessa entrevista colhemos algumas passagens.

Romeu Correia perguntou: — Quando começou a leccionar no Ateneu Comercial de Lisboa?

— «Fui mestre no Ateneu, de 1926 a 1963, portanto 37 anos!... Mas também ensinei no Lisboa Ginásio cerca de 20 anos. Boa gente! Que grandes colectividades! Do Ateneu guardo as mais gratas recordações. Uma autêntica família! Colaborei em 22 saraus no Coliseu dos Recreios e também no Eden Teatro, Palácio dos Desportos, em três circos e ainda em centenas de outros lugares!...»

— Quantos discípulos teve ao longo da sua carreira?

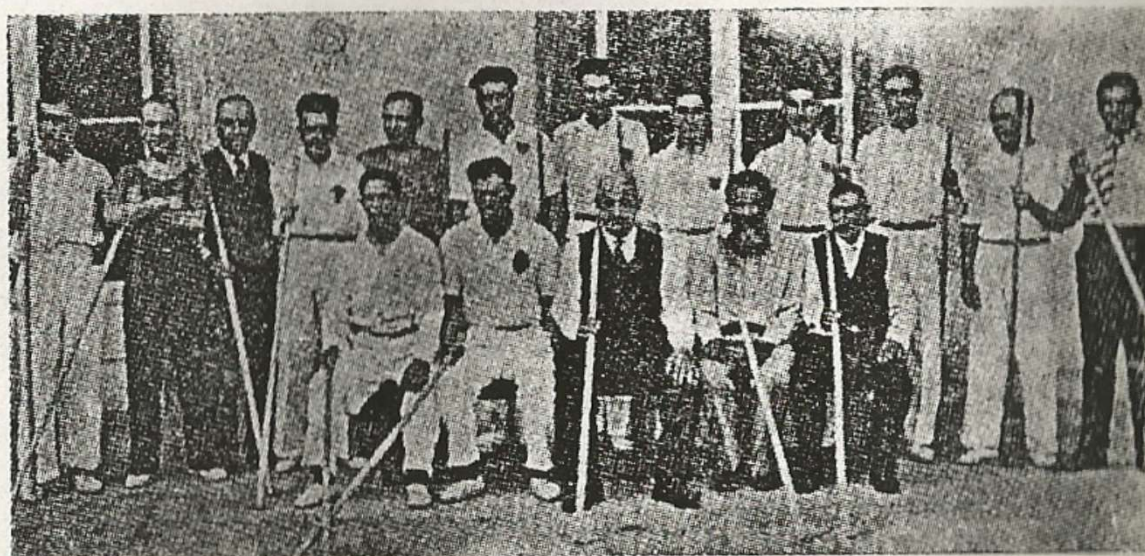
— «Não posso calcular... mas certamente umas boas centenas. Entre outros recordo: João Mendes, João Lavrador, António Moleiro, António Nunes Pereira, Inocêncio Procópio, António Novo, Inácio

Roberto Guedes, António Nunes Caçador, Joaquim Madeira, Aurélio da Cunha, Domingos Rebelo, Elias Gamero, o Gabriel, que também está aqui internado.

— Além do jogo-de-pau e de saltos acrobáticos... sei que foi um exímio nadador. Conte-nos uma façanha sua nessa tão salutar modalidade desportiva.

— «Por volta de 1925 ou 1927 ganhei uma travessia do Tejo a nado. Tinha eu quarenta e tal anos. À partida eramos umas boas dezenas de nadadores. Atirámo-nos ao rio na doca de Alcântara e viemos a nadar até Cacilhas... Ganhei o primeiro lugar para o Ginásio Clube do Sul.

— Atribui a sua espantosa saúde e lucidez à prática desportiva?



Ateneu Comercial de Lisboa. Sentados, da esquerda para a direita, os mestres Domingos Miguel, António Moleiro, António Emídio, Domingos Varejão e Tobias de Freitas. Atrás: os discípulos de Domingos Miguel, Varejão e de António Moleiro

— «Pois decerto! Porque se não fizesse nada... estava mas era há uma quantidade de anos debaixo dos torrões.»

Perguntando-lhe Romeu Correia se concordava com o amadorismo ou profissionalismo, respondeu:

— «Sou pelo amadorismo. O Desporto não é profissão.»

Domingos Miguel, foi, pois, durante toda a sua vida uma das figuras mais populares de todo o nosso concelho. Na modalidade que escolheu foi praticante exímio. Percorreu muitas aldeias, vilas e cidades do país, deixando sempre onde actuava bem vincada a sua personalidade e arte de manejar a vara de lódão. De reflexos rapidíssimos e agilidade felina, era «impossível» tocar-lhe e quando atacava era simplesmente «terrível». Sua destreza, força e excepcional técnica colocavam inteiramente qualquer adversário à sua disposição. Mestre Domingos Miguel fazia-os render à sua incontestável supremacia, sem os molestar. Contudo, as jogadas eram por vezes arrepiantes. Desferia pauladas com uma velocidade incrível que os amantes e conhecedores da modalidade sabiam não produzir danos... Mas os menos preparados, que

assistiam aos assaltos, intimamente sofriam e «rezavam para que Domingos Miguel não rachasse o adversário de alto a baixo»...

Como professor deixou bem vincada a sua competência e categoria, ensinando largas centenas de alunos. A sua actividade no Ateneu durante 37 anos e no Lisboa Ginásio durante 20 anos cremos ser um caso ímpar no País em qualquer modalidade desportiva. O facto não só atesta as suas extraordinárias faculdades como professor, como também a receptividade que possuía para tratar com pessoas de temperamentos e ideias totalmente opostas, e isto sem abdicar nunca dos seus métodos e ideias. Não faltava a uma sessão de treino e era incapaz de levantar a voz, fosse a quem fosse.

Nos saraus do Colseu dos Recreios, lá estava sempre com alguns alunos a mostrar à assistência a sua arte inconfundível de manejar o pau.

Aos 70 anos sentia-se feliz. Era um autêntico jovem no regresso a casa, sempre acompanhado de sua amantíssima e inseparável esposa. Muitas vezes nos encontramos no barco e tinha sempre uns momentos para conversarmos sobre desporto. Reparava na íntima satisfação pelo dever cumprido, que invadia a alma daquele homem bom, enorme desportista, de longevidade desportiva invejável que, ultrapassada essa meta dos setenta anos, saltava, sem lhe tocar, um vulgar balcão de estabelecimento e dava saltos mortais para a frente e para trás com facilidade impressionante. Poucos anos antes, acompanhava o seu sobrinho Baltasar Rocha, campeão almadense de ciclismo, em muitos dos seus treinos e não gostava nada de deixar fugir o Baltasar... ainda que a sua máquina não fosse especial!...

A VIDA

Domingos Miguel e D. Carolina Rosa da Conceição constituíam um casal amoroso e apaixonado. Ela estava sempre presente em todas as manifestações desportivas do marido. Era a sua mais entusiástica e fiel admiradora. Formavam um casal exemplar e dos mais unidos de Almada. A perda da sua extremosa companheira de tantos anos, que tanto amara, foi para si, um golpe duríssimo. Este homem fabuloso, de nervos de aço e coração de ouro, sofreu horrivelmente. Chorava dia e noite, sem cessar, inconformado com o destino. Queria ter partido com a sua amada. As lágrimas sentidas de um desgosto profundo e uma saudade sem fim da esposa que a morte arrebatara, contribuíram imenso para abreviar a completa cegueira a este homem invulgar. Foi internado depois no Lar-Granja Luís Rodrigues, onde viveu até 25 de Março de 1973, portanto até aos 89 anos, com uma lucidez de espírito fora do comum, falando até ao fim das suas convicções democráticas, da actividade desportiva e do motivo que destroçara o seu coração.

Pena foi que mestre Domingos Miguel não pudesse ter sobrevivido um ano e pouco mais. Teria a suprema ventura de ter sentido o calor e a alegria do povo português, pelo qual tanto lutara, naquele esplendoroso e inesquecível 1.º de Maio de 1974. Assim teria partido mais feliz.

Ao evocarmos os desportistas almadenses não poderíamos olvidar esta personagem de eleição, sem dúvida uma saudade do passado e um estímulo para a juventude almadense do presente.